

# A ESPERANÇA.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

Redactores diversos.

Anno I.

Desterro, 1.º de Julho de 1867.

N. 3.

## A ESPERANÇA.

### A MULHER.

#### I.

Tudo que se póde dizer, e já se tem dito sobre a mulher, não abrange, nem abrangerá nunca o seo elogio.

— Quer consideremol-a filha, esposa ou mãe; na obediencia de seus pais, ou sob a companhia do homem que recebeu por esposo—tem seus deveres sempre coroados por uma missão muito elevada.

— No amor, theatro em que representa com todo seu brilhantismo, procura ella sempre distinguir-se.

— Sabe amar, e toda sua intelligencia sublime tanto se revella nos olhos ao ver o escolhido do seu coração, q' muitas vezes acreditamos encarar faces divinas n'um rosto que ainda hontem dissémos de mulher.

— Amor, divino e santo impulso, se não fôras tu, a missão de uma esposa, de uma mãe se explicaria facilmente... porem a mulher se transforma com as tuas luzes, tem o coração guiado por ti, e seu espirito como que sempre illuminado por uma inspiração!

Eu não te diffino, não sei quem tu és assim tão sublime, como diffinir a mulher?

— Para mim toda ella vive coberta de um mysterio, tem na sua presença uma nuvem, que eu traduzo por sublimidade, que será sempre sentida, mas que nunca se poderá bem comprehender.

O respeito que lhe consagramos em sua presença, muitas vezes obrigado até pelos olhos d'ella, talvez não passe á muitos de um acanhamento da nossa parte que não conhecemos uma ou outra das bellezas que admiramos; não, não é o acanhamento, que subjuga nossa leviandade em presença da flôr do mundo e creatura excellente que habita comnosco; não, não é o effeito de qualquer principio da nossa fraqueza senão que a rasão do

homem é quasi sempre dominada por aquella magia que se desprende da mulher, e faz com que conheçamos distincta ou não, sublime ou parecendo sublime a sua tão elevada missão.

A mulher devêra nunca se perder, pois que a sociedade soffre um baque horrivel, quando alguma das suas columnas se despedaça e roja pelo chão. A miseria castiga á infeliz, a torna muitas vezes arrependida da sua perdição, ainda que o mundo a tenha como sectaria da sua doutrina, má e vergonhosa. Soffre, se abate, e quantas vezes, quantas! tem o desespero á lhe envenenar os dias da existencia, porque se esqueceo do futuro, aonde uma gloria de mãe, um sorriso de esposa bemaventurada lhe aguardava innumeros prazeres. O coração d'aquella infeliz se despe de todos os sonhos que creára, quando innocente... porem nós, o homem, a sociedade soffremos muito mais, temos o echo de suas agonias á passar em nossos ouvidos, como remorso que nos acompanha e vae crescendo á proporção que se augmenta, se espalha e toma corpo a perdição da mulher...

Ah! que a rasão não sabe o seo dever... Victima do homem, a mulher se despe da sua innocencia, corôa divina, luz do seo pudor...

#### II.

Lá vae a perdida, no entretanto o que faz ella? passa coberta de joias no meio da sociedade, sorri da vigilancia que esta lhe devêra dar e não deu, da satisfação, em que vivem os homens; tendo na boca só o nome da virtude, emquanto que ella soffre n'esse sorriso e com as alegrias do homem, porque não acredita que a sociedade lhe quizesse proteger; e ella uma das suas columnas está de rojo pelo chão.

E' a verdade, a sociedade se cobre de mais vergonha do que a mulher porque não a protege nem lhe vela na sua innocencia. Tem mil vezes a perdição mais tôrpe porque vê que o manto da desmoralisação se estende so-



bre si, e lhe vai tomando a luz mais viva e mais poetica.

A deshonra e o opprobrio são-lhe consequências do nenhum cuidado seu para com a mulher, fonte do que ha de mais nobre e sublime sobre a terra.

— Uma menina com a formosura nas faces, e olhos vivos revelando por seus olhares toda vaidade que possui, pôde muito cedo tornar-se victima da sua leviandade e perder a virtude, perder a sua honra... O coração do homem devêra lhe aconselhar, guardá-la, lhe amparar sempre a flôr da innocencia quando esta perigasse... porem... o que faz elle? até muitas vezes lhe adianta mais a perdição.

Vil e despresivel é todo aquelle que destrona assim a creitura primeira do universo. Vil e desprezivel o seu coração, que não conhece a honra da mulher, base sublime do amor e da virtude.

Esse que foi o algoz da innocencia, para quem o pensamento de honra não reflectio a sua santidade, — o vil dos vis, cuja rasão não quiz se dominar — terá sem duvida, o prazer das orgias, esse prazer que é o excesso da maldade, quando a consciencia morreu para o homem.

No entretanto... o dia em q' a mulher consentio na morte moral, devêra-lhe ser o ultimo de existencia, pois q' a vida do corpo nada vale, quando se perdeu a honra e a virtude.

Infelizes, não sabem que — de fulgores suspensos na espaço para lançar seus raios por todo o universo se tornárão lodo, terra e pó. E que a sua missão tão nobre desapareceu, e de puras e innocentes que erão tem só um nome que lhes cabe — o de cadaveres.

Porem aonde ia eu? tornemos outra vez á sua grandeza.

Ha uma missão sobre todas — é a da mulher, que não desconhece os seus deveres, os sabe cumprir e desempenha-os sempre com fidelidade. Esta é o modelo, é a norma da virtude e da honra, pela qual donzellas e esposas deveis de preencher a vossa obrigação.

— O mundo escarnéce das victimas que faz, nunca se disse que a caridade existia na vileza de que costuma se formar o máo coração. Reflecti, pensae.

### III.

Acredito na grandeza da mulher sempre que recordo seus deveres ou de esposa ou de mãe, como thesouro que lhe foi entregue, e ella distribue capaz e nobremente.

Como seu olhar me enléva! que de harmonias tem á sua voz! um só momento, que meus olhos vão encarar a frente da mulher

que de sublimidades se criam no meo coração! Será porque amo? talvez. Mas o amor me tornaria egoista, isto é, não existiria para mim mais que o objecto amado, no entretanto eu me engrandeço sempre que recordo a missão da mulher. Não, não é o amor, é a comprehensão do seu destino grandioso

Docil por natureza e até capaz de fazer milagres, tem se tornado divina, desviando o homem de uma acção hedionda que cogitava praticar, lhe amparando a idéa attribulada com a luz mais viva da salutar esperança. Seu coração tem mais fé que o do homem, e por isso deve-lhe a sociedade sempre agradecer.

Silvio.

### A REALIDADE.

A vida é uma comedia sem sentido.  
(A. de Azevedo.)

Eu sou um sonhador, sou um idealista. Não me-apraz o que não é ideal, ou o que não posso idealisar. A minha vida compõe-se de sonhos: é vida de utopista.

Sonhei que, uma noite, já tarde, não tendo somno, resolvi-me a passeiar.

Acabava de soar meia noite no bronze do campanario.

Sahi — A lua brilhava nos céus, e a terra estava immersa em profundo silencio. A estrada estava deserta, e assombrada até meio pelas cercas espessas.

Caminhei pela sombra, porque a claridade incommodava-me os olhos.

Cheguei a uma ponte de pedra, e sentei-me num dos bancos que a-bordavam. Incostei o cotovello ao balcão, appoiei a cabeça na mão, e puz-me a scismar.

Depois accendi um cigarro, suspirei e continuei a scismar e a inebriar-me de perfumes.

De repente senti bulha, olhei de redór, e vi um vulto que mal se-destacava da sombra. Depois de o haver fitado por algum tempo, e quando já me-persuadia que o vulto não passava de alguma sombra mais opaca, soltei um suspiro, e ia recahir nas minhas scismas, quando o meu suspiro foi repetido. Admirei-me e tornei a olhar para o vulto...

Intão ouvi estas palavras:

— Mancebo, que fazes aqui a taes deshoras?

Senti um calafrio correr-me os ossos, porque aquella vez era de uma frieza indefinivel, e, não obstante, respondi-lhe:

— Scismo.

— Em que scismas?

— Em nada, ou quasi nada.

— Não te-comprehendo, retorquiu o desconhecido.

— Pois eu me-explico; scismo no que é a vida.



—E intão a vida é nada ?

—Não ; mas é quasi nada, porque a vida é uma comedia sem sentido na opinião do Azevedo e também na minha.... E' uma comedia representada por autómatos que se-movem de todos os lados, que se abalroam, que gesticulam, e que fazem um arruido confuso e aloroador.... São autómatos que vivem e fallam : eu sou um delles e tu és outro....

—Não penso como tu ( me-tornou o desconhecido ), porque já não pertenco á escola romantica. O que percebo do que acabo de ouvir-te é que já descreste do mundo, da vida, e da sociedade, e que já perdeste todas as esperanças.

—Esperanças ? já não as-nutro para com a sociedade : roubou-m'as todas as tropelias da sua comedia . . . Hoje só conservo uma, e essa em Deus . . .

—Dize-me como te-foi essa comedia, e como te-foram as esperanças roubadas.

—Na verdade, que me-pareces curioso...

—Não sou curioso ; procuro dar-te algum alivio, e bem deves saber que as dores se-minoraram quando se-desabafam.

—Assim é ; mas basta contar-te como foi a comedia, para saberes quaes eram as minhas esperanças, e como as-perdi.

— Eu te escuto.

— Pois bem, continuei eu, d'esta comedia tenho assistido ao prologo, a dois actos, e já bem adiantado me-vai o terceiro.

Do prologo nem lembranças me restam : devia ter sido alegre, mas passou breve, como sóe de passar a primeira infancia.

O primeiro acto passou-se no começo da minha primavera. Fui curioso de assistir a grande representação que me-deslumbrava com ouro-pelless e pedaços de vidros . . . Achei n'esse acto uma confusão inexplicavel, um tumulto sem fim, uma vozeria de insurdecer . . . E mesmo assim achei-o bello, e quizera estar ainda assistindo á sua representação . . . Mas houve mutação de scena, os actores confundiram-se, e, abalroando-se, deram começo ao acto segundo.

Neste acto reinava o sentimentalismo. 'nelle estava o nexo da comedia, que mais feições de tragedia tinha atéli : era o acto das esperanças e dos desenganos, dos amores e dos martyrios... Intão fui também actor, e desimpenhei também o meu papel.

O scenario representava um immenso jardim, onde se-executava a orchestra de perfumes, tal qual a-ideara o Fenelon \*: 'nesse jardim serpeavam regatos de mel, mas por sob o mel corria veneno... *Impia sub dulci melle venena latent*\*\*

E eu passeava por esse jardim, só e conversando commigo mesmo, e, assim como eu, passeavam muitos outros, ao passo que os demais

\* Un certain assemblage de parfums, les uns plus forts, les autres plus doux, fait une harmonie qui chatouille l'odorat, comme nos concerts flattent l'oreille par des sons tantôt graves et tantôt aigus.

(Fab. 33.)

\*\* Ovid.

actores, todos jovens, todos na primavera da vida ( epocha em que a acção d'este acto se-passava ), andavam de braço com suas bellas a conversar de amores.....

Todos tinham sede, e tomavam em copos de diamante o licor dos regatos e o-bebiam.... A muitos e a muitas vi eu cahirem de rojo pelo chão ;—a muitos e a muitas vi eu continuarem o seu passeio mais folgazões e mais alegres.

Eu caminhava só, e ainda não tivera sede.... —Ao voltar uma sêmita vi uma mulher formosa, ou antes, o typo ideal da mulher.—Amei-a, e declarei-lhe a chamma que me-ia pelo peito. A essa declaração respondeu-me ella com sorrisos capazes de seduzir os mesmos anjos.... Amei-a....

Mas a chamma já lavrava mais intensa, e eu já tinha as fauces resequidas : tive sede, e quiz, como os outros, sacial-a com mel : tomei um copo, enchi-o, e cheguei-o aos labios... mas esse mel amargava, e, não obstante, sorvi-o todo.... Intão os olhos se-me-dilataram, tive uma vertigem, e cahi.....

Quando despertei, vi essa mesma mulher, alegre e folgazã, passeando ao lado do homem. Meus olhos se-injectaram de sangue, os actores se-confundiram 'num torvelinho vertiginoso, e a scena ficou mergulhada em trevas....

Seguiu-se o terceiro acto, que supponho seja o ultimo, e cujo desinlace espero.

Está tudo escuro. A scena representa o Sahará—oásis.—'Nestes oásis só medram saudades rôxas, só urzes, só cardos. 'Nelles estão reunidos varios grupos de homens....—Mulheres.. raras são....—Estão todos tristes, todos iracundos, todos sequiosos... e a agua não chega para maclar a sede....

Eu tenho sede, tenho sede... quero agua !....

Intão o desconhecido se-approximou um pouco e me-perguntou :

— Esperas pelo de-inlace da comedia ? Queres sabel-o já ?

— Quero.

E o desconhecido chegou-se mais, e continuou com voz pausada e mais penetrante que o frio da Lapônia :

— O desinlace d'essa comedia sem sentido é uma realidade....—Eil-a....

E deixou eahir o longo capote que lhe-cobria os membros.... Levantei-me espavorido, e soltei um grito terrível....

E' que a realidade éra um esqueleto humano.....

Quando ao outro dia me-acordei, achava-me na minha cama. Tinha delirado durante a noite, e estava com febre.

A vida é uma comedia sem sentido.



### Triumpho dos Romanos.

Após cruentos e encarniçados combates, conseguem finalmente os Romanos uma grande e completa victoria sobre as nações da Asia, com quem intrepida e corajosamente se batiao.

A cidade eterna está revestida de gallas. Magnificos arcos de triumpho se elevão em todas as praças; e nos topos das casas tremulão ricas e elegantes bandeiras.

De todos os ângulos da soberba e magestosa Roma se desprendem entusiasticos brados de alegria; e harmoniosos hymnos de louvor, e de triumpho são entoados pela numerosa multidão que se acha reunida diante do palacio do triumphador.

Reclinado em sumptuoso coche coberto de ouro, e pedrarias, apparece emfim o vencedor que orgulhosamente corresponde ás freneticas e vivas aclamações que lhe dirige a turba.

Atraz do carro triumphal caminhão tristes e cabisbaixos os reis Asiaticos, que tinham sido retidos como prisioneiros de guerra. Suas fronteas estão inclinadas, e abatidas; suas mãos que outr'ora sustentarão sceptros de ouro, estão atadas com duras e ignominiosas cadêas: o soffrimento e a afflicção estão pintados em seus pallidos semblantes.

A lembrança da adorada patria, que nenhuma esperança lhes resta de tornar á ver; a perda da reputação marcial de que até então gosavão; a memoria de seus compatriotas, que, no campo da honra, trocárão a vida pela salvação da patria, a gloria, emfim, alcançada por seus inimigos, são a cauza de seus tristes e dolorosos padecimentos.

Mas não erão ainda bastante as humilhações, que havião soffrido esses infelizes. Os ímpios vencedores, não satisfeitos de ver esses poderosos reis a seus pés, e humilhados, lhes impõem os mais crueis e rigorosos castigos. Insensíveis á dor dos pais, não dão ouvidos ás supplicas, e lamentos dos innocentes filhos que por elles em vão intercedem.

E não conhecião os barbaros, que esses desgraçados erão seus irmãos, e que não devião tratá-los com tanta crueza? Não, suas mentes laboravão nas caliginosas trevas do paganismo, e não tinham sido ainda illuminadas pela luz da nossa religião sancta e divina, por meio da qual aprendemos a amar o nosso semelhante; a ser

benignos para com os nossos inimigos, e a soccorrel-os nas suas desgraças.

Miseros! não nutrião no coração o doce sentimento da Caridade!

F. Paulino.



### Delirio de um seductor.

Silencio! E' noute.

Todos dormem placidamente o somno da innocencia. . . e eu só velo, e a noute, a deoza ephemera do descanso me não dá alivio. . . Só eu soffro, soluço e choro inclinado para a meza, scismando nas aventuras de minha vida. . .

Nasci bello como os amores, no meio da opulencia e do luxo; cresci vigoroso e feliz; mas hoje vivo gemendo sob o pezo do anathema e do remorso. . .

Quem fui eu? o que fui? a perversidade no seu auge, a conspurcação da sociedade, o homem com o riso nos labios e a traição no peito, o aruinador de familias—o seductor! . . .

Verdade horrivel. . .

Minha vida começa a ter espinhos; ella, que outr'ora se ostentava orgulhosa e altiva, quando trilhava o caminho da impiedade.

E hoje? sou o escravo do remorso, castigo que Deus impõe ao crime n'este mundo; soffrimento futuro dos delictos de passado; a consciencia ferida pelas reminiscencias, o arrependimento tardio!

Meus labios cheios de fogo pronunciarão phrases repassadas de sentimento e de amor lisonjeiro que ferião corações de virgens. . .

Ufanava-me, tinha prazer vendo murchas essas flores outr'ora vicejantes e perfumosas! . . .

Nada me commovia: eu era a hydra do crime, sim do crime!

Oh! meu Deus! quanto fui perverso! como nodoei no vicio almas puras e santas!

E qual será o meu castigo? o remorso, o remorso!

Fui reprobó, tres vezes reprobó, mas já tenho soffrido muito, tenho passado as noutes em vigílias, e o remorso me despedaça a consciencia.

A morte! E se eu morresse teria descanso? não, para mim não ha descanso.

Perdão, meu Deus, perdão, dae alivio ao infeliz espinhado com tanto soffrimento e se aquelles que abandonão vossos conselhos e o caminho da virtude, se aquelles que se transvião da doutrina do Christo, encontrão em vós misericordia, fasei com que inda possa alcançá-la por meio do arrependimento.

Perdão, meu Deus perdão.

Assim repassado de dor e de remorso, o seductor implorava de Deus misericordia e compaixão para suas maguas. . . Mas debalde, era preciso soffrer mais ainda.

M. Costa.





## Queixas.

Ha uma arvore a cuja sombra dormimos somno delectoso e ameno : é a da saudade.

Os romeiros do passado descansão sob sua copa, os lidadores do presente repousarão ahi após os combates.

Para ella é sempre ridente a primavera : brotão flôres seus renovos em todas as estações, inda que as vezes circumdadas de espinhos agudos.

Luta-se na arena da humanidade, após tempos, o vencedor e o vencido apertão-se as mãos amistosamente e mirando as flores ou os espinhos d'aquella arvore divina, recordão com emoção as lides passadas ou as glorias desvanecidas, e se lauréis lhes adornão a fronte, á elles prendem entre sorrisos algumas de suas flores odorantes.

Ha nesse somno que se dorme ao resfolegar das idades, sob a sombra amena daquella doce recordação, tanta doçura, tanto enlevo, que a alma embriagada não almeja outra ventura ! Seria possivel dormir-se ahi seculos se o presente, como máo genio, nos não fosse despertar ao som dos atabales da realidade, menos doce á alma que o das harmonicis illusões.

E eu que sou infeliz no presente, que presinto e vejo o futuro obscurecido, irei dormir instantes lá...

Não me despertem : será fugace felicidade a que fruirei, mas será minha, tão minha, que ninguem m'a poderá arrancar do fundo d'alma....

Vede-lo.... o valle para mim de mais doce recordação e poesia.... o meu passado ahi está.... o meu presente, as lagrymas devorão... o meu futuro é um abysmo insondavel em que se perde a louca imaginação.

O presente e o futuro não são pois para meu coração : o primeiro é para as lagrymas, o ultimo para a loucura... Mas o passado é para o meu coração, é para mim, é para minha vida....

Recordação, agita-me e com teu sopro impfiltra vida na tresloucada memoria....

O inverno faz definhar o que ha de mais bello na natureza... Morrem as flores dos campos queimadas pelo granizo ; occulltão-se as maravilhas das serras por espessos nevoeiros ; gelão-se os regatos que bordavão as campinas, e, novo Saturno, devorando os filhos que criára em outras estações, ahi vejo o orgulhoso tempo passar entre as alamedas dos pomares

todos despedidos da roupagem de verduras...

E' grande seo poder, é sua força lata ! O genio do exterminio no desdo brar as azas não faz tão grande numero de victimas...

Tudo soffre sua influencia, as florestas ficão povoadas de arvores seccas, os campos queimão-se pela geada, os rios ou interrompem seo curso, ou as chuvas engros são-lhe o volume das aguas e os fazem transbordar ; mas naquelles lugares onde passamos a infancia nada se altera ! A saudade os protege, a memoria empresta-lhe as cores que o inverno lhes rouba, e nós os vemos sempre gosando ridente primavera.

Tinha minha querida onze annos... Era bella, agradável, sempre melancholica aquella menina. Longas tranças de cabelo negro, tão negro como a noite que cerca meu futuro ; dentes tão alvos como o argentino da lua em noites de verão... Amava-me ? não n'õ sei eu, que sempre enganado vivi de seos sorrisos, até que um dia o triste desengano me veio arrebatar dos braços de tão saborosa illusão....

Corriamos pelas campinas às horas do sol no occaso ; colhiamos boninas, formavamos dellas grinaldas com que nos corôavamo ! Era uma doce ventura essa ! Era uma distracção innocente, que me dava tanta vida quanta morte hoje me dá seu indifferente sorriso,..

Pareço vel-a ainda, com o coração offegante, as tranças longas cahidas sobre as espadoas, o sorriso de innocente scicentridade sobre os labios é a confissão de sympathica amisade nos olhos.

Quando enlevado corria-lhe sobre os cabellos minha mão distrahida, seu coração accelerava o palpito, seus olhos se irradiavão de nova luz, e eu extatico a contemplava, ora sorrindo, ora fallando ; e ás veses tentando exprimir-lhe a intensidade da paixão que me devorava o ser.

Ainda a vejo, com os olhos voltados para o ceo, a devassar n'elle o que só a innocencia sabe ler, as mãos sobre as minhas, e a fronte meia inclinada sobre o hombro em expressão de innocente devaneio.

E porque me não matava essa ventura ? porque augmentou-me a vida, que não desejava ter agora, para não verter lagrymas recordando-a ? Porque não morri ahi, contemplando-a extasiado, sentindo suas mãos mimosas, ouvindo-lhe o palpar do coração ? Morreria sorrindo, não blasfe-



maria, por não gosar-lhe ao menos um sorriso, um olhar, venturas inefaveis.

A's veses duravamos tanto tempo abraçados... e sem que o menor assomo de impureza viesse-nos toldar nossa ventura infantil! tanto tempo! tantos instantes! que ainda esta vida parece alegrar-se recordando-os....

Depois nos desprendi amos dos braços um do outro, corriamos atraz dos beija-flores, colhiamos boninas até que a noite descesse sobre a terra.

Mas para que recordar esse tempo de felicidade, para que transportar-me ao valle em que passamos a infancia.... Ah!, lá, era tudo vida, tudo enlevo, tudo paz.... As lrangeiras cobrião-se do véo de odoríferas flores e não com as nevoas densas que hoje me cercão; os campos sempre matisados de flores sahião dos braços do dia, deitavao-se no collo da noite, sempre alegres, sempre virentes! Não havia esta insipidez que hoje contamina tudo que me cerca, não havia este desespero cruento que tanto me afflige e nunca lagrymas senão de praser me inundarão os olhos.

E hoje não sei porque é tudo triste....

O inverno ahí está com as mãos geladas marmorizando quanto existia frondente na passada primavera: o mar ahí está sempre encrespado a se quebrar contra os rochedos. Não vejo nelle a mansidão que tinha n'aquelle outro tempo. As aves entristecidas não soltão os melodiosos cantos com que saudão as outras estações. Parece a natureza acompanhar-me na tristeza que me faz pender a fronte empallecida pelas desillusões que me tem magoado, e pelo desvanecimento de meus sonhos de mancebo.

Palpo o presente, meço o futuro, e desespero. Onde haverá abrigo para o filho do infortunio? Que braços se abrirão para receber-me? Que sorrisos me enxugarão os prantos?

A saudade apenas me offerece um passageiro lenitivo ás magoas; não firma o presente, não doura o meu futuro que só os sorrisos de um anjo poderiam amenisar...

Sò os d'ella, da minha amada... mas ella me não ama. Esqueceu o passado fulgurante, annuviou meu esperançoso futuro e abandonou-me.

O praser se afugentou de minh'alma; cantos de alegria jamais serão murmurados por estes labios que tantas veses tocarão os seus, e que por uma cadeia d'ellos de inefaveis venturas, muitas e muitas ve-

ses sentirão-se arroubados por supremo goso....

Mas ainda sou feliz meo Deus! Ainda é dado o recordar da passada ventura, e essa recordação doce e ao mesmo tempo amarga, faz-me remoçar, transporta-me ao paraíso de meus dose annos e eu sou feliz!

Toma de novo, peregrino da vida, teo bordão e caminha.

Calca os espinhos da desventura, macera as carnes de teu corpo, mas nunca terás remorso de que lhe fosses infiel!

Não juntarás aos lauréis da frente as flores da saudade, porque aquelles não são dados aos q' desesperão do presente e estas pertencem aos que mais do que tu, têm soffrido.

E'-te só dado repousar de vez em quando sob a copa daquella arvore divina—da saudade, adormecer recordando-te das venturas passadas, e acordar maldizendo o presente e desesperando do futuro.

El.



### As Férias.

Forsan et haec olim meminisse juvabit.  
Virg. Aen.

#### I.

Depois de um anno das penosas aulas — *expectata dies venit*, ahí vem o esperado dia! As férias! quer dizer para os estudantes um thesouro de poesias, uma fonte de delicias, um *nec plus ultra* da felicidade humana, um septimo céu de Mahomet!

As férias reúnem em si todos os prazeres possíveis, todos os deleites imagináveis.

#### II.

Acabão-se por dous mezes as implacáveis perguntas: o seo Gradus ad Parnassum? o seo Cicero? o seo Ovidio? Não o trouxe? Forte vadio que è! E a sua lição? Não a estudou? Pois meo caro Snr, fique sciente que não sahê d'aquí sem que a saiba. Isto que faço é para seo bem e não para o meo, etc. etc.

Emfim tudo o importuna, tudo o disgosta. Passa as horas do castigo olhando para uma folha de papel onde estão escriptos em ordem os dias que lhe faltão para lhe serem abertas as portas da prisão, para recobrar a liberdade! a doce liberdade! *Respernit tamen et longo post tempore venit* — murmura elle como o poeta, traçando linhas negras nos dias que lhe faltão.

## III.

As azas do tempo lhe parecem pesadas, porem tempo virá que elle as achará leves. E o presente que elle hoje amaldiçoa o abençoará no futuro.

Dous dias faltão para as ferias !

A disciplina n'esses dias tem só um olho aberto, o que é para os estudantes a volta da idade de ouro.

O Pensum, o odiado Pensum, é letra morta, e apenas se retem por um quarto de hora o *mestre cook* da aula.

Eis que nasce o grande dia da liberdade !

O sino que durante dez mezes advertia ao estudante vadio, o começo ou o fim de algum novo supplicio, hoje torna-se objecto de risota e dicterios.

Entrão para a aula, o lente lhes faz uma breve pratica, aconselhando-os a não deixarem o estudo, a reverem as licções dadas, a persistirem no bom comportamento, e acaba exhortando aos mais negligentes á recuperarem nas ferias o tempo perdido applicando-se ao estudo etc. etc.

## IV

Acaba-se a aula ; ahi então se vê um cataclisma de desordens litterarias.

Folhas d'aqui, folhas d'ali espalhadas.... Sallustio no meio dos discursos contra Catilina está admirado de ver o Tityro do seu amigo Virgilio.

E Horacio nunca se persuadio que tornasse a ver o seu collega e amigo, o desterado Ovidio. Emfim é uma confusão inaudita e um cháos sem nome.

Abre-se finalmente a porta, os estudantes paixão : offerecem *cigarros* mutuamente, e circula o morrão. O seu martyrio cessou, a sua liberdade começa.

## V

O ar da sala de estudo que vos parecia tão pesado, o Director que vos reprehendia, e o Mestre que vos ensinava; vos parecia inimigos tyrannos da vossa mocidade e de vosso descanso. Porém mais tarde o véo se dissipará e ver-se-ha que aquellas reprehensões do Director, aquellas admoestações do Mestre, não erão de inimigos senão de bons amigos,

G. R. J.

## Poesias.

## Escuta.

Espera, Anninha, um momento  
Escuta um triste lamento  
Do teu pobre trovador ;  
Attende, oh! anjo um instante  
Ao bardo, que delirante  
Te offerece o seu amor.

E' um amor puro, eterno,  
Que te juró ser tão terno  
Como o perfume da flor :  
A prova 'stá em meus threnos,  
Que não são bellos, amenos,  
Mas que respirão amor.

Não ouviste ainda, Anninha,  
O suspirar da rolinha  
Quando o sol já se vae pôr ?  
Já viste pousar na rosa  
Tão purpurina e cheirosa,  
O fagueiro beija-flor ?

Inda não viste, oh! anginho  
O pintasilgo pardinho  
De madrugada cantar ?  
Inda não viste o colleiro  
Vir alegre e prazenteiro  
A madrugada saudar ?

E a borboleta formosa  
Adejar em torno á rosa  
Tão perfumada e louçã ?  
E o sabiá mavioso,  
Que vem cantar tão queixoso  
No galhinho da romã ?

Não tens visto, anjo adorado,  
Tudo o que tenho pintado  
Neste meu rude cantar ?  
Não tens visto a madrugada  
Despontar linda, orvalhada  
Com encantos d'enlevar ?

Tu sabes que a rola adora  
O pôr do sol que namora  
O prado, a floresta, a flor ;  
E não sabes que t'eu amo  
Mais que ao bosque o gaturamo,  
Mais que á veiga o beija-flor ?

O pintasilgo ama a aurora,  
A borboleta namora  
A rosa de rubra côr,  
As auras amão os lyrios...  
E só por ti mil martyrios  
Soffre o pobre trovador !

Gustavo Henrique.



## Descrença.

A meu collega F. Paulino da C. Albuquerque.

No immenso pégo  
Mais uma gota d'amargor que importa ?  
Que importa o fel na taça do absynthio,  
Ou uma dor de mais onde outras reinão ?  
(Gonçalves Dias)

Inda sou joven ! reneguei da vida !  
Amei e meu amor foi só loucura...  
Era um anjo, rubor tinha nas faces,  
Era typo gentil de formosura.  
A fera parca lhe cortou seus dias...  
E inda vivo no mundo... e soffro e choro !  
Sou bardo sem ventura e desditoso...  
Minh'alma é prauto... compaixão imploro !  
Morreu tão cedo, na manhã da vida,  
N'alma deixou-me resentido ardor...  
Nasci gemendo... tive amor outr'ora.  
No presente só magoa e dissabor !  
O presente que é dor murchou-me os lyrios  
Da grinalda gentil dos meos amores !  
Colhi amenas rosas no passado...  
No futuro ? quem sabe ? espinhos e dores.  
Tão criança! que fogo lento, vivo  
Me queima o peito já desfallecido  
De saudades que esse anjo me deixara  
Neste chão de amarguras — fementido !  
Breve se evaporou meo lindo sonho  
Ao correr desta vida enfatiada  
Nem uma flor me resta do passado  
Myrrada do album seu tão decantada.

M. Costa.

## Suspiros.

A' MARILIA.

Suspira a brisa que passa  
No frondente laranjal  
Florescido e perfumado,  
Ou no seio nacarado  
Das rosas do teu rosal.  
Suspira a rôla nas selvas.  
Quando o sol some-se além;  
E na virente ramagem,  
Escondida entre a folhagem,  
Suspira pelo seu bem.  
Tambem suspiram queixosas  
As aguas a murmurar,  
Si o regato, que serpêa  
Sobre ruiva e fina arêa,  
Vai entre seixos rular.  
Suspiram aguas e briza  
Sem consciencia de si,  
E a rolinha que delira  
Não sabe porque suspira...  
Mas eu suspiro — por ti...

Maio, 22, de 1867.

Eduardo Nunesio.

## Não sabes ?

Não sabes, não sabes, donzella formosa,  
Que encheste meu peito de forte paixão ?  
Que vivo tristonho por ti suspirando  
Gemendo e pedindo de ti compaixão ?  
Não sabes que eu amo, donzella formosa,  
Os olhos brilhantes de vida e pudor ?  
Que vivo insensível por ti, ó donzella,  
Passando no mundo tormentos e dor ?  
Não sabes que eu amo, donzella formosa,  
As tuas tão puras e lindas madeixas ?  
Que vivo no mundo de tudo esquecido  
Por ti padecendo tormentos e queixas ?  
Não sabes que eu amo, donzella formosa,  
O todo engraçado da bella morena ?  
Que vivo insensível aos gosos d'amor  
Pensando somente na linda açucena ?

M. P. de Souza.

## Versos.

A mariposa em torno á luz adeja...  
Mais se aproxima e chéga e mais e mais.  
A luz dilata os raios concentrados,  
Queima-lhe as azas — cáe a pobresinha  
E de que vida tem não dá signaes...  
Fui eu a mariposa  
Que na luz de teus olhos abrasei-me...  
—E n'ella, ó flor mimosa,  
Quem se não queimará, como queimeimei-me ?

\* \* \*

Um dia ao sol a brisa disse : dá-me  
Tu que tens no teo seio luz, calor,  
Um raio teo mais brando que me traga  
Goso, vida, prazer, ventura, amor !  
E o sol por entre as nuvens occultou-se,  
Não quiz á flor dar luz, fugio além !  
A flor cheia de magoas pendeo morta....  
Eu fui a flor... morri... o sol foi... quem?

\* \* \*

A flor mimosa curva o hastil e a brisa  
Em seo calice ardentes beijos grava;  
Se a brisa se esquivou a rosa, diz-lhe :  
Dá-me um beijo d'amor, sou tua escrava...  
E tu ó Marcia bella  
Tu ves a brisa requêstrar a rosa  
Esta ceder e dar um beijo aquella...  
E foges, foges de mim ! —és tão formosa !

J. E.